

Prémio Camões

707

Craveirinha, ponta-de-lança

Esteve com um pé no Benfica, mas temeu a aventura e deixou-se ficar em Moçambique. Há quem garanta que o futebol perdeu um executante de primeira, mas todos concordam que a literatura de língua portuguesa ganhou um dos seus maiores poetas — um craque notável 7/6/91

Afonso Praça *JP*

FALA baixo e devagar, como quem acaricia as palavras e lhes pesa o sentido e as formas. E sorri, sorri muito naquele seu «sorriso em que menos se esconde timidez do que a desiludida amargura de que o entendam como ele se vê», como escreveu Jorge de Sena em 1972. Estamos no hotelzinho da Baixa, onde se hospeda sempre que vem a Lisboa, e o pretexto desta viagem, o Prémio Luís de Camões/1991, parece que o torna ainda mais discreto. Pelo telefone, José Craveirinha tentara escusar-se, invocando a preparação de um discurso para a cerimónia (no dia 10, em Tomar), e agora, na semi-penumbra da sala do Hotel Duas Nações, diz-me entre sério e irónico: «Não acha que é contra os direitos do homem obrigar um poeta a fazer discursos?»

O júri do Prémio Camões, presidido por David Mourão-Ferreira, considera-o «grande poeta moçambicano cuja obra é reconhecida como da mais elevada categoria». Rui Knopff chama-lhe «enamorado da língua portuguesa», e outros elogios poderiam ser acrescentados, mas este poeta não gosta de elogios, e mesmo quanto ao prémio, confessa que ainda se não refez da surpresa: «Estas coisas fazem muito mal, não posso agradecer o mal que me estão a fazer».

Preto e branco

É óbvio que ficou contente, mas confirma as palavras que na semana passada disse a «O Jornal»: «Eu contava viver o resto

dos meus dias no meu ramarrame, estava tão bem, na minha preguiça de deliciosa rotina, e agora sou assim sacudido».

Do que ele gosta mais, parece-me, é de conversar, e sobretudo de escrever. Aquele ramarrame (dita por ele é uma palavra demasiado expressiva), aquela deliciosa rotina traduzem-se numa entrega total à poesia, concretizada em milhares de poemas que vão parar à gaveta. Afinal, Craveirinha escreve «para a escrita», nunca escreveu «com a intenção de publicar», e o que publicou em livro aconteceu: «Chigubo» (1964), «Cantico a um dió de crames» (edição bilingue feita em Milão, 1966), «Karingana Ua Karingana» (1974), «Cela 1» (1981) e «Mária» (1988).

Este último começou a ser escrito em 1979, quando lhe morreu a mulher, Maria — Maria de Lurdes Nicolau, filha de pai grego e de mãe ronga. O volume inclui quarenta e oito poemas, mas o poeta continuou a escrever, e o «ciclo Maria» vai já em quase duzentos. Por esta amostra eis, pois, justificadas as suas palavras irónicas quando diz que está «cheio de papéis» e vai dar «um trabalho póstumo».

A poesia é hoje, aliás, o seu primeiro amor. Craveirinha confessa: «Tenho dois amores: o primeiro, que se tornou o principal, é a literatura; o outro, complementar, é o desporto, embora hoje seja levado a retirar da noção de desporto o futebol».

E aí vai Zé Craveirinha, esquecido do Prémio Camões, a caminho de outra grande área. Muito bem informado («Não dispense a leitura do jornal 'A Bola'»), lamenta-se dos caminhos que o «despor-



José Craveirinha na berlinda. Um grande senhor respira em verso

to-rei» está a tomar em todo o mundo, ele que foi um avançado promissor e esteve quase no Benfica, a substituir outro moçambicano em fim de carreira, Espírito Santo.

Foi assim. Futebolista, Craveirinha jogou («a qualquer lugar como avançado») no Grupo Desportivo João Albasini, que pertencia à Associação de Futebol Africana, na «cidade do caniço», e depois no Desportivo de Lourenço Marques, na «cidade do cimento». Um dia, aí por 1944 ou 1945, o comandante de um navio que estava atracado no porto viu-o jogar e perdeu a Esteves Coluna, pai de Mário Coluna, que lho apresentasse.

Craveirinha recusou o convite para vir jogar no Benfica. Todos lhe diziam que era tão bom ou melhor do que o Espírito Santo na grande área, mas recusou. «Uma certa timidez le-

vou-me a ficar aterrorizado», recorda hoje. «Depois, era uma aventura sem garantias nenhunas».

Mulato de Mafalala

Continuou no Desportivo, de que hoje é o sócio nº 4. E é adepto do Benfica desde garoto. Mas em Portugal, tem outros clubes de que gosta, conforme a terra: Académica, Boavista, Tirsense, Guimarães. «Tudo preto e branco», esclarece.

Não ficou por aqui as ligações de Craveirinha ao desporto. Praticou também atletismo, depois da independência foi dirigente da Associação de Atletismo, e é vice-presidente do Comité Olímpico. Um dos seus filhos, Stélio, é atleta e treinador, e outro, Zeca, praticou ginástica. Mais ainda: um irmão da mulher, Jorge Nicolau, jogou futebol no Covilhã. Aliás, conti-

nua a ter hábitos de atleta (come pouco, não fuma e nem bebe álcool), o que lhe permite manter uma ótima forma física.

José Craveirinha nasceu em 28 de Maio de 1922, na então Lourenço Marques, concretamente no bairro de Mafalala, na «cidade do caniço», onde ainda reside. O pai, José João Craveirinha, um algarvio de Aljezur, ficou em Moçambique depois da tropa, na Guarda Republicana, e morreu pobre, em 1934; a mãe, Mangachane, era ronga e morreu quando Zé Craveirinha tinha seis anos. Do pai guarda uma recordação indelével: dado à literatura, lia muito, escrevia poesia recitava. Record: «Meu pai escrevia, falava muito em poesia, recitava». Foi através dele que Zé Craveirinha, menino, travou conhecimento com Vítor Hugo, Zola, Antero, Junqueiro, Camilo e Eça, que lui aos 11 anos de idade. Pai e mãe estão, de resto, presentes na sua poesia, como por exemplo em «Uma única raça de poemas»: «(...) Eaos mágicos Espíritos de minha Mãe preta/meu Pai branco e eu mulato exilados intransigimos/ os três juntos moçambicanos/ de braço dado neste uma/ única raça de Poema!»

Estudar à boleia

Entregue aos cuidados de um tio, António Craveirinha, não pôde estudar, mas o irmão, João José Craveirinha, matriculado no liceu — só havia dinheiro para um —, deu-lhe boleia. Por outras palavras: sem meios económicos, Zé Craveirinha acompanhou o mano durante o curso liceal, estudando as mesmas matérias. «Com muito mais brilho, naturalmente», diz um antigo jornalista que o conhece há mais de 40 anos.

Revisor na Imprensa Nacional, desempenhava funções idênticas no jornal «Notícias», onde depois foi redactor.

Em 1962, vamos encontrá-lo na «Tribuna», integrando uma redacção de que faziam parte Rui Knopff, Eugénio Lisboa, Luís Bernardo Honwana, Gouveia de Lemos, Ildídio Rocha, Fernando Magalhães e Má-

rio Sampaio, entre outros.

Tanto no «Notícias» como na «Tribuna», fazia de tudo, até jornalismo desportivo, quando era preciso. O poeta tinha aparecido nos anos 50, no «Brado Africano», onde aliás começou por escrever prosa, «umas larchas, assuntos triviais sem qualquer importância, aquela espécie de sarampo que dá a todos os jovens», confessa mais tarde. Escrito em português e ronga, o «Brado» era porta-voz da Associação Africana e teve um papel importante na afirmação cultural moçambicana, nos anos que precederam a luta armada pela independência, iniciada em 1964. A Pide tomara-se ainda mais vigilante e neste mesmo ano Craveirinha é preso, juntamente com Rui Nogar, Malangatana Valente e Luís Bernardo Honwana. Foram cinco anos de humilhações e martírios, de que não quer falar.

Mas fala, isso sim, das mensagens que escreviam em papel higiénico e eram depois enviadas aos advogados, Almeida Santos e Carlos Adrião Rodrigues. As mensagens saíam da cadeia da Machava nas marmitas vazias em que a mulher, Maria, lhe levava amorosamente a comida. E havia outro truque: com o pretexto de conservar a comida quente, Maria embrulhava a marmita em papel de jornal, que tinha ainda outras utilidades: levava aos presos alonga leitura e servia para transmitir mensagens, picotadas com um alfinete. Foi um tempo terrível, que o poeta condensou em «Cela 1»: «Havia uma formiga/ compartilhando comigo o isolamento/ e comendo juntos./ Estávamos iguais/ com duas diferenças./ Não era interrogado/ e por descuido podiam pisá-la./ Mas aos dois intencionalmente/ podiam pôr-nos de rastos/ mas não podiam ajoelhar-nos».

Reformado, Craveirinha vive apenas para os versos, acha que a cultura é mais importante do que a política, e diz no seu sorriso tímido: «A política nunca se meteu comigo, mas alguns políticos quiseram meter-se. Samora Machel é que não deixou».